
Argentina: Chaco- desmatamento, desnutrição e morte

Uma intensa onda de frio atravessou a Argentina na primeira quinzena de julho. Nas cálidas terras da província do Chaco, onde a média anual é de uns 20°C foram registradas marcas abaixo de zero. Esse brusco declínio da temperatura manifestou em mortes a dimensão da emergência sanitária e alimentar que vivem os povos indígenas Toba, Mocovi e Wichi nesse distrito do nordeste do país, onde a saúde está minada pela desnutrição, a tuberculose e o chagas. Em poucos dias o número de mortes chegou a 10; até 2 de outubro, esse número pulou para 16, sendo que a maioria são Tobas. Todas as vítimas moravam em El Impenetrable, região de monte que há mais de um século sofre o saqueio de seus quebrachos, algarobeiras e lapachos (*tabebuia heptaphylla*), e que nas últimas décadas tem sido destruído devido aos bulldôzers e ao fogo daqueles que buscam a alta rentabilidade da cultura da soja.

A partir de 1995, a província vendeu a maior parte de suas terras fiscais; nessa época havia 3 milhões de hectares e hoje só restam uns 580 mil. O transpasse da terra pública a grandes proprietários foi o requisito para o desmatamento posterior. A organização do Chaco de direitos humanos **Centro de Estudos Nelson Mandela** denunciou em novembro de 2006 que a Direção de Florestas da província, desmantelou nos últimos anos sua estrutura administrativa e operacional. *“O Estado tem uma política para o setor, que consiste em deixar fazer e deixar passar. A lei é letra morta. O Decreto 1341, que suspendeu a outorga de licenças de desmatamento até finalizar o ordenamento territorial do Chaco, não é aplicado nem respeitado. O desmatamento não apenas continua como também é mais intenso. Trata-se de um quadro escandaloso, assinado pela destruição e pela impunidade”*, advertiu no dia 20 de outubro de 2006 essa organização em uma declaração pública.

Este processo afetou principalmente a região conhecida como El Impenetrable, que se espalha ao oeste da província e é o território ancestral toba e wichi. A destruição do monte determinou a desaparecimento das proteínas animais e vegetais da dieta destes povos. *“A algarobeira simboliza quase tudo, porque dela as comunidades indígenas obtinham as proteínas; a algaroba [o fruto] era o eixo central da dieta proteica, ao desaparecer hoje elas se mantêm com gorduras, farinha, às vezes um pouco de macarrão, nem sempre; arroz, cada vez menos; e carne, quase nunca. Então temos que essa dieta levou à desnutrição, à má nutrição, à hipertensão, ao diabetes. A desnutrição ou a má nutrição, por não terem comida suficiente e menos comida com capacidade nutritiva acarretou doenças infecciosas, tuberculose, chagas”*, afirmou **Rolando Núñez**, coordenador do **Centro Mandela**, em uma entrevista realizada em agosto.

Desde abril do ano passado, os povos Toba, Wichi e Mocovi vêm denunciando esta situação e exigem políticas públicas do governo provincial; inclusive bloquearam rodovias, acamparam na frente da sede do governo local e realizaram uma greve de fome. Após décadas de silêncio o 'levantamento'- como é chamado- evidenciou a extrema pobreza e a discriminação em que estão submersos os aproximadamente 60 mil indígenas do Chaco. Saíram do silêncio mas os acordos assinados com o governo em agosto de 2000 não foram honrados.

A situação extrema que vivenciam as comunidades foi denunciada pela Procuradoria do Povo, que

demandou os estados nacional e provincial por suas responsabilidades junto à Suprema Corte de Justiça. Também a Comissão Interamericana de Direitos Humanos pediu uma ampliação documental por uma denúncia de genocídio. Após três meses do início da onda de mortes, as autoridades só reagiram com a implementação de planos de assistência alimentar temporária sem atender as causas da emergência.

Por Hernán Scandizzo, Colectivo Pueblos Originarios – Indymedia Argentina.
Contato: originarios-arg@indymedia.org – www.argentina.indymedia.org/pueblos .